

Cedae guarda acervo pessoal de Oswald de Andrade, que tanto barulho fez na literatura

Quando a vida dá um romance (ou mais)

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Tem vida que rende um livro. Mas tem vida que rende muitos livros. É o caso de Oswald de Andrade, que viveu de 11 de janeiro de 1890 a 22 de outubro de 1954. Escritor, redator, crítico literário, benfeitor das artes plásticas, boêmio, turista cultural, polêmico, irônico, cafeicultor empobrecido pelo *crack* da Bolsa em 1929, militante político e, por tudo isso, um homem de profundas amizades e inimizades, ele se consagrou como um dos expoentes modernistas da literatura brasileira.

“Planejei traçar este perfil intelectual convencida de que, ao contrário de Flaubert, o cidadão Oswald de Andrade apresenta-se inteiramente visível na sua obra”, escreve a professora Maria Eugenia Boaventura, ao apresentar seu livro *O Salão e a Selva: Uma Biografia Ilustrada de Oswald de Andrade* (Editora da Unicamp/Editora Ex Libris, 1995). De fato, constata-se nas ricas páginas produzidas pela pesquisadora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, uma afirmativa que José Oswald Nogueira de Andrade, filho do escritor, fez a Antônio Cândido: “Creio que a obra de Oswald não pode ser estudada desvinculada de sua vida”.

Vida atribulada e obra revolucionária, que já renderam uma infinidade de trabalhos e continuam despertando muito interesse. Para os interessa-



Fotos: Antoninho Perri
CEDAE/Reprodução

Flávia Carneiro, supervisora do Cedae: perto de dois mil itens

dos, uma fonte imprescindível é o Centro de Documentação Cultural ‘Alexandre Eulálio’ (Cedae), do IEL, onde está preservado o arquivo pessoal do escritor, adquirido com os seus herdeiros: Adelaide Guerrini de Andrade, Rudá de Andrade e Marília de Andrade. O acervo está disponível ao público, mas a consulta deve ser feita no local.

“São correspondências, originais manuscritos, artigos para jornais, prosa, poesia, textos políticos, livros, documentos pessoais, enfim, um leque bastante grande com aproximadamente dois mil itens”, explica Flávia Carneiro Leão, supervisora do Cedae. Ela informa que vários desses documentos, no momento, estão cedidos para a exposição “Da Antropofagia a Brasília”, que vai até 2 de março no Museu de Arte Brasileira, na Faap. Esta grande exposição, organizada pelo professor Jorge Schwartz, da USP, já fez sucesso na Espanha e depois vai a Buenos Aires.

Os rumorosos casos de amor de Oswald também são registrados no acervo do Cedae. Ele casou-se sete vezes, pela ordem, com: Henriette Denise Bouffleur (Kamiá), Maria de Lourdes Douzani Castro (Daisy ou Miss Cyclone), Tarsila do Amaral, Patrícia Galvão (Pagu), Pila Ferrer, Julieta Bárbara Guerrini e Maria An-



Maria de Lourdes Castro (chamada de Daisy ou Miss Cyclone), por quem Oswald (dir.) se enamorou na “garçoniere”

tonieta d’Alkmin. Sendo impraticável em única página uma boa abordagem geral do acervo, ou mesmo dos romances mais barulhentos, o *Jornal da Unicamp* opta pelo lúdico, reproduzindo trechos de *O Perfeito Cozinheiro das Al-*



CEDAE/Reprodução

mas deste Mundo (1918). É uma obra coletiva e divertida, focada em Daisy (ou Miss Cyclone), que morreu devido a complicações de um aborto mal feito e com quem Oswald de Andrade se casou *in extremis*.

mas deste Mundo (1918). É uma obra coletiva e divertida, focada em Daisy (ou Miss Cyclone), que morreu devido a complicações de um aborto mal feito e com quem Oswald de Andrade se casou *in extremis*.

O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo

Oswald de Andrade montou um estúdio no centro de São Paulo, frequentado por jovens como Guilherme de Almeida, Vicente Rao, Inácio da Costa Ferreira, Sarti Prado, Edmundo Amaral, Pedro Rodrigues de Almeida, Leo Vaz e pelo então jovem senhor Monteiro Lobato. Maria de Lourdes Douzani Castro (Daisy ou Miss Cyclone), uma normalista de 18 anos incompletos, era a única mulher da “garçoniere”, logo cortejada por todos.

Desta convivência - em meio a receitas culinárias, obras de arte e discos na gramofona - surgiu a idéia de um livro coletivo, em forma de diário, publicado pela editora Ex Libris, com um projeto gráfico diferenciado e cuidadoso, preservando tintas e lápis coloridos, desenhos, colagens e outros meios com que os frequentadores registravam suas observações diárias. Muitos usavam pseudônimos e Daisy ainda imitava a caligrafia de amigos para se divertir. Ainda assim, pode-se identificar a maioria: Oswald como Garoa ou Miramar; Lobato como Frei Lupus ou Irmão Ancylostomo; Edmundo Amaral como Viviano ou Viruta; o artista plástico Ferrignac como Ventânia ou Jeroly; Pedro Rodrigues como João de Barros. A seguir, alguns trechos do diário:

▶ Paradoxo para uso interno:

-A mulher é a costela de Adão, o sopro de Deus e a saudade da Serpente. (João de Barros)
-... ou a saudade de Deus, o sopro de Adão e a costela da Serpente. (Miramar)
-O perigo do engasgo de Adão não foi ter sido com a maçã e sim com a própria costela. (M)

▶ A Cyclone é a quarta virtude teológica. (CV)

É o pecado imortal. (Miramar)
Os beijos da Cyclone descendem em linha reta e sempre varonil dos beijos de Lucrécia. (Jeroly)
Os abraços dos abraços do tamanduá na parede. (M)
Miss Cyclone, meu “Vermouth Cinzano” dos ágapes “pinianos”... (Jeroly)
Lagarta rosada do meu algodoeiro! (M)
Monteiro Lobato dos opilados! (Jeroly)
Daisy é o pirão deste menu. (M)



CEDAE/Reprodução

O livro coletivo: diferente e divertido

Pensamento inconfessável de Cyclone: “Às minhas luzes eu prefiro as minhas de seda”. (Miramar)
Madrigal itaporangense: “O fogo da mulher amada não queima, ilumina”. (M)

▶ **Decididamente**, este covil sem Cyclone é inútil como um gramofone sem discos. (Ventania)
O covil sem a Cyclone... eu preferia, no entanto, a Cyclone sem o covil. (M)
A “mão real d’unhas perfeitas” da Cyclone é o resultado de cinco séculos de ociosidade (isto já disse Balzac). (V)

▶ **Cyclone voltou!** No grande olhar desfalecido traz a vermelhidão tracomica de velhas noites de libertinagem... Cyclone voltou! Musa gavroche do vício ligeiro... (V)
Cyclone voltou! No vulto desmoronado do Braz-Montmartre, das noites rubras da “Boite-à-Fursy”... Lucie-la-Pompe dos trottoirs lamacentos da Avenida Celso Garcia! Juliette Roux do Gasômetro! Nunca mais assim.

▶ **Cyclone não vem.** De sua última visita, tumultuosa, incoerente, vazia, me ficou a última frase: – Não acredites mais num homem para que não fiques sabendo que existe mais um cão sobre a terra. Daisy, minha carocinha! (Garoa)

▶ **Esse é o meu guia e espião:** arranjei um namorado japonês que possui o lindo nome de Harussam (sobrinho de cõsul japonês), vê que sorte! (Cyclone)
Há dias que umopilado de bigodinho amola o Fiori com perguntas sobre o “Nhacio” e o “otra moço”. Não há dúvidas, é o japonês da Cyclone. (G)
O Oswald me fez esta revelação: a Cyclone contratou o Spencer Vampre para traduzir as doçuras amorosas do amarelinho. (JB)
Sabes porque a Cyclone se casa com japonês? Porque gosta de “amar eles”. (Gtroçadilhista)
A Cyclone escreveu que ela é a esfinge do Brás; o japonês é a oitava praga d’aquela Egito. (Homem)

▶ **Chego; toda atarefada no casaco d’inverno**, busco em toda esta esplêndida “garçoniere” os vultos amigos dos meus rapazes. Mas qual, nem um sequer a quem dar um beijo rápido de chegada. Muito grata, meus queridos pelo lindo presente. Estou com fevereiro 38 ½!! (não se assustem). Até 3ª feira às 11 horas; apromptem o almoço “a Trianon” que virei passar aqui toda a “matinée”. Perdoem. (Cyclone – estou com uma dor de dentes).

▶ **Chego ainda a tempo de vê-la** galgar ligeira o estribo poeirento de um bonde e mergulhar, com a lentidão do monstro de ferro, n’esse abismo brumoso da várzea que faz supor, para lá, no bastidor do crime das velas, a existência de romance em que ela se obstina. Com uma timidez de potache, murmurei-lhe entre os dentes um “bom dia” idiota. Ela nem sorriu nem olhou. Partiu... Pela primeira vez, percebi uma coisa séria – que ela me faz falta. (Mirabysmo)

▶ **Toda a psicologia complicada** de uma mulher está num efeito de má óptica – elas dão grande valor às coisas mínimas e com isso nos contrariam e às vezes nos assombram; às coisas realmente grandes dão o valor mínimo e por isso nos perdem. (G)

▶ **A minha vida é assim:** eu começo a fumar, você acaba... (G)

▶ **Cyclone disse que estava** aqui às dez, é mentira. Até logo! Já volto. (G)
Garoa chegou de chapéu trocado e ar esbugalhado. Nova aventura. (Vivi)
Cheguei cá às 9 horas: ninguém. Telefonei para a “Gazeta” a perguntar por Miramar: – Ainda não chegou? perguntei... anda gazetando não?... e responderam-me: – Sim senhora, ele escreve na Gazeta! (Cyclone)

▶ **Versos da Cyclone:** “Eu sou como uma cobra cascavel! Sou tratada a pontapé!”. (Cyclone)
A mulher não é nem o que quer. (Cyclone)

▶ **Precisamos acabar este livro.** Precisamos – Porquê? Porque precisamos. O Fiori subiu o aluguel do quarto. Agora é 280\$000 – um terno no Carnicelli. Vamos nos mudar, sim. Para onde? Na casa do conde. Do de Prates? Seja. A Pira desistiu. O Metropol faliu? Faliu.

▶ **A Cyclone foi-se embora.** / Estou triste, Miramar chora, / Ferrignac resiste / O Leu insiste: / Foi embora? / Viruta: ora!

▶ **Eu não ficarei lá.** Voltarei dentro de 1 mês. Naturalmente ficarei o resto de agosto. Quero que me escrevas para lá. (Cravinhos – Caixa do Correio 19. M. de L. Pontes. Ao cuidado do Snr. Ignácio da Costa). Eu responderei para a Gazeta, porque o nosso retiro já é conhecido deles. Caso possa te telegrafarei da 1ª estação. Guarda as memórias contigo. Adeus. Beija a cabeça da pobre Cyclone.

▶ **... e o livro se fecha silenciosamente**, com a prestigiosa atração das cousas silenciosas: “mon silence est ma force...” (M)
E tanta vida, bem vivida, se acabou. (Cyclone)